

Lazeres na Roma Antiga

O lazer primitivo em Roma foi determinado inicialmente, e de maneira óbvia, pelos trabalhos pastoris e rurais, chamados *otii dies*, conforme os encontramos cantados por Lucrécio (*De rerum natura*, canto V, 1440-1460): “O homem aprendeu a imitar as claras vozes dos pássaros, antes de fazer ouvir os poemas ornados de doces melodias. Os suspiros do zéfiro, através dos cálamos, ensinavam as flautas agrestes. Depois, pouco a pouco, soaram os doces lamentos das flautas sob os dedos dos cantores nos bosques e selvas; flauta, invenção dos dias de ócio dos pastores. Assim revelaram-se à luz da razão todas essas artes que amenizam nossa vida” (*At liquidas avium voces imitauer ore ante fuit multo quam levia carmina cantu concelebrare homines possent aurisque iuvare, et zephyri cava per calamorgo um sibila primum agrestis docuere cavas inflare cicutas inde minutatim dulcis didicere querellas, tibia quas fundit digitis pulsata canentum, avia per nemora ac silvas saltusque reperta, per loca pastorum deserta atque otia dia. Sic unum quicquid paulatim protrahit aetas in medium ratioque in luminis eruit oras*).¹

Referências similares encontramos nas *Geórgicas*, de Virgílio: “Contigo (agricultor) adore a Ceres toda a agreste mocidade, e para ela mescle teu leite, a colméia e o doce vinho; três voltas dê a vítima propícia ao redor das messes novas e o coro todo e o campo ufano com gritos invoquem o favor da deusa; e que ninguém ouse colher a messe de maduras espigas sem antes, com folhas retorcidas de sobreiro, não se dar a dança agitada e o canto em seu

¹ Tradução pessoal.

louvor” (livro primeiro).² Por intermédio de tais citações, vê-se que o lazer dos antigos latinos, integrado ao labor agrário, era preenchido usualmente pelo canto e pela dança, no plantio e na colheita, rendendo-se homenagem aos deuses e à natureza nos dias de descanso, ou seja, nas *feriae*. Mas o próprio poeta, homem urbano e culto, termina as *Geórgicas* dizendo em que circunstâncias pôde escrevê-las: “Naquele tempo, a amorosa Parténope dava-me a mim, Virgílio, do que me manter, florescente em estudos de ócio ameno e que, por entretenimento, fiz cantar os pastores” (livro quarto).

E dos lazeres não se esquece Horácio em suas *Odes*, como se pode constatar já na primeira: “Há quem não despreze um copo de Masico³ envelhecido nem consumir uma parte do dia inteiro ora estendido sob o arbusto verde, ora junto ao lugar onde nasce, mansamente, uma sagrada fonte”. Ou aconselha um personagem imaginário, durante o inverno nevoso: “Tempera o rigor do frio jogando lenha ao fogo e tira, ó Taliarco, abundante vinho de quatro anos, amadurecido em tina sabina... E posto que és moço, não desdenhes os amores doces nem as danças evites, enquanto teu verdor anda longe da morosa canície. Na hora acertada, busca as praças de gente, busca a música da noite” (Ode nona).

É interessante notar que, nos três autores acima citados, que se encontram na transição da República para o Império, a palavra *otium* já designa o tempo liberado de compromissos cívicos e religiosos (edilidade, questura, senatoria, cargo de flâmine, ou sacerdote, por exemplo), no que diz respeito à classe de patrícios e cavaleiros, bem como as atividades então escolhidas, e ainda o

² Virgílio, P. M. e Horácio, Q., *Obras Completas*, M. Aguilar Editor, Madri, 1945 (tradução latino-espanhola de Lorenzo Riber).

³ Vinho produzido perto do monte de mesmo nome, na Campanha.

tempo pessoalmente liberado do trabalho no que se refere aos clientes, libertos e aos plebeus (que também podiam ter acesso a certos cargos públicos). Isso por que, em autores mais antigos, como Quinto Ênio – ativo na transição entre os séculos III e II antes de nossa era – o mesmo vocábulo se aplicava apenas ao tempo de trégua dos exércitos romanos e à vida comum nos quartéis.

Já nos tempos da Monarquia havia relatos de festas rústicas (*feriae rustici*), como a *robigalia*, a *floralia*, *compitalia* e *palilia*, para as quais convergiam ritos e votos religiosos relativos a uma época precisa do trabalho agrícola (plantio, prevenção de pestes, colheita) abrangendo também divertimentos, espetáculos ou competições. As *robigalias*, por exemplo, instituídas pelo rei Numa (século sétimo a. C.), e realizadas em 25 de abril, tinham o propósito de evitar a difusão de uma doença dos cereais, a ferrugem. Fazia-se um cortejo para fora da cidade, o sacrifício de um cão ou de uma cadela de pelo avermelhado (próximo do ferruginoso), a invocação dos deuses e, para terminar, promoviam-se corridas de jovens e de adultos. Também as *floralias*, consagradas oficialmente no ano 513, tencionavam não apenas celebrar a deusa Flora (*Mater florum*, como a canta Ovídio) e o retorno da primavera, no início de maio, como exorcizar a esterilidade vegetal. Muito simples em seu início, suas danças foram se convertendo, em função da característica de fecundidade e renovação do ciclo biológico, em apresentações coreográficas obscenas, realizadas por mulheres nuas (incuindo-se cortesãs). Quanto às *Lupercálias*, cujas origens são incertas e diversamente contadas por Plutarco (Vida de Rômulo), Dionísio de Halicarnasso (Antiguidades Romanas) e ainda Ovídio (Fastos, II), relacionavam-se com a época de maior aparecimento de lobos (*lupi*) famintos nos campos, após a magra estação de inverno, ou

com a história da fertilidade reencontrada pelas mulheres romanas em tempos de Rômulo. Ocorriam em fevereiro, consistindo, além de rituais de oferenda, de uma corrida de homens vestidos apenas com peles de cabras sacrificadas, postas ao redor da cintura, e se prolongaram até a época cristã, pois o papa Gelásio, em 495, chegou a escrever uma carta contra essa comemoração pagã por parte de fiéis católicos.

A cultura do divertimento e da festa, mais característica dos romanos do que dos gregos, já se revela na denominação empregada pelos latinos para as apresentações teatrais – *Ludi scaenici*, ou seja, jogos de cena –, que só tiveram difusão após as guerras púnicas, época de Lívio Andrônico e de Gneo Nêvio, ambos escritores de tragédias e de comédias. Plauto, ator e comediógrafo extremamente fecundo (cerca de 130 peças), ativo na transição dos séculos III e II, tornou-se a grande referência do teatro romano, não apenas pela descrição sociológica e dos *mores* (costumes) de sua época, como pela fixação de tipos posteriormente copiados pela *Comedia dell'arte*, como o soldado fanfarrão, o escravo astuto, os parasitas adutores, os casais amorosos em dificuldades.

Os *Ludi romani* ou *Ludi magni*, em homenagem a Júpiter, foram instituídos na época republicana, em meados do século IV, e eram praticados em setembro. Durante muito tempo estiveram restritos a lutas e corridas, e só no final do século III incluíram as tragédias e comédias latinas. Segundo Cícero (*In Verrem*, II, acusação contra Caius Verres) havia um interregno de 45 dias entre os *Ludi Magni* e os *Ludi Victoriae Sullanae*, o que significa que a grande festa terminava por volta do dia 19 do mês. Mas antes, de 6 a 13 de julho, havia os *Ludi Apollinari*, instituídos no consulado de Fulvio Flacco (212 a. C.), dedicados, como o nome indica, ao deus Apolo,

e constituídos tanto por corridas a cavalo quanto por apresentações teatrais, sobretudo as da *toga praetexta* (com personagens romanos de origem patrícia ou cavaleiros).

Mas as festas que talvez mais tenham influenciado o surgimento do carnaval da Idade Média tenham sido as Saturnálias (*Saturnales*). Época em que se reintonizava o deus Saturno e se relembrava a idade de ouro mítica, em finais de dezembro (na época de Domiciano, o período foi fixado entre os dias 17 e 23). Durante o período, como se sabe, os escravos podiam considerar-se homens livres e se comportar como tal; elegia-se por sorteio um *princeps* que passava a usar máscara e roupa com destaques em vermelho (o futuro rei momo?), símbolo de forças inferiores, das profundezas do solo, que deviam ser aplacadas com festas em sua honra e presentes. Habitualmente, as saturnálias começavam com banquetes e podiam facilmente degenerar em rituais orgiásticos.

Durante a maior parte do império, e dada sua riqueza, tanto em Roma e Atenas, como nas maiores cidades da Itália e nos territórios atuais da Espanha ou da França, grande parte da vida dos cidadãos transcorria no exterior do ambiente doméstico, ou seja, nas praças e naqueles edifícios públicos que ofereciam gratuitamente os serviços ou as condições de um *domus*. As fontes de água e os banheiros eram numerosos, e em todos os bairros havia termas (saunas), com locais para a massagem, a palestra (prática de exercícios físicos), a leitura de pergaminhos (área de biblioteca) ou salas para encontros e conversa entre amigos e conhecidos. Nesses locais discutia-se muito a política, fazendo das termas o substituto da *agorá* grega. Serviram elas ainda ao desenvolvimento da arquitetura e da decoração públicas romana, pela aplicação de

mármore nas fachadas, comumente grandiosas, e de mosaicos nos pisos.

Sabe-se que a jornada de trabalho em Roma começava entre as seis e as sete horas da manhã, de acordo com o ofício, e terminava entre o meio-dia e a primeira da tarde, o que nos demonstra que grande parte da população adulta não-escrava possuía bastante tempo livre. Além disso, há de se adicionar, no correr do ano, os *dies festi* (dias festivos ou de celebração, alguns deles já mencionados), consagrados às numerosas divindades, e as *feriae publicae*, os feriados públicos, que passaram a ser frequentes depois de Augusto, comemorativos de vitórias e conquistas do império. Por isso mesmo, era comum o afluxo de público às corridas de cavalo e de carros (bigas e quadrigas) realizadas no Circo Máximo, uma estupenda estrutura de 600 metros de comprimento e 140 de largura, com capacidade para acolher, ao tempo de Júlio César, 250 mil espectadores (segundo Plínio, o Velho, *História Natural*, livro 36).

Ao lado dessas competições equestres, o outro maior espetáculo público em todo o império era o combate de gladiadores, ou de gladiadores e feras, realizados em anfiteatros (como o Coliseu, o mais imponente de todos) e circos. Tais lutas surgiram na região da Etrúria, em 264 a.C., como homenagem a guerreiros mortos, sendo levados e treinados em escolas especiais os prisioneiros de guerra, escravos e criminosos. Alguns espetáculos se tornaram célebres na antiguidade, como o promovido por Júlio César, com 300 pares de gladiadores, um de Domiciano, entre mulheres e anões, e o maior de todos, o de Trajano, com 5 mil pares de lutadores.

A existência de todas as festas anuais e dos espetáculos *plebei*, oferecidos gratuitamente, complementava o hábito instituído na

República e mantido no Império, o da distribuição de cereal (*lex frumentaria*) ou sua venda direta a preços abaixo dos de mercado. Daí ter Juvenal, em suas Sátiras (X), escrito a famosíssima sentença segunda a qual *populus duas tantum res anxius optat, panem et circencis* – o povo aguarda ansiosamente duas coisas, pão e circo. Tudo isso prova que o lazer de massa não foi criado em decorrência da revolução industrial, mas com a sociedade escravista romana.

Na outra extremidade do lazer popular e de massa, ou seja, o do lazer pessoal, solitário e estudioso, encontramos a obra e o exame de Sêneca (*De otio*), um texto de fina sabedoria de quem soube conciliar o estoicismo e o epicurismo gregos. O texto relembra a máxima estoica de que o sumo bem é viver conforme a natureza; mas a natureza nos formou não apenas para ação, como também para a contemplação das coisas (para a filosofia, para a ciência, para as artes). E estando de acordo em que, por vivermos necessariamente em sociedade, é muito difícil estar-se imune aos vícios, então não há outro meio de evitá-los a não ser nos isolarmos, sempre que possível (caso acreditemos que as virtudes sejam melhores do que os vícios, caso contrário...). Só este fato já nos poderá tornar uma pessoa um pouco melhor, mesmo por que nada impede que, vivendo apartado, não possamos nos aproximar de homens virtuosos, pessoalmente ou por leitura, e extrair um exemplo com o qual modelar nossa vida. E isso só é possível numa vida tranquila, longe do público, da massa e da mediocridade costumeira. Assim nossa vida poderá proceder uniforme e constantemente, sem ser perturbada por idéias e apelos os mais diversos e contrários. Além disso, se já não bastassem os males numerosos que nos afligem, passamos de um vício a outro, por

necessidade, ingenuidade ou prazer efêmero. Fiquemos ao menos com um só deles, aquele que nos seja mais familiar e menos prejudicial.

Já naquela época, se lamenta Sêneca de constatar que, em meio à ação da vida cotidiana (sobretudo ele, que viveu uma vida política extremamente perigosa, não só no reinado, mas na corte de Nero, como seu antigo preceptor e depois conselheiro), do tormento que é constatar que nossas escolhas, além de más, são muito inconstantes, sacudidos que somos para cá e para lá, como por sopros e ventos, nos devotando ora a uma coisa, ora a outra, num rodamoinho de desejos e de arrependimentos, pois sempre estamos na dependência da opinião ou do consentimento de outrem, acima de tudo nas lutas propriamente políticas ou dos poderes institucionais (no mundo atual da publicidade invasiva e da perda da privacidade, ocasionada pelas redes informáticas, creio que o nosso rico filósofo se encontraria num beco sem saída, salvo a loucura ou o suicídio, que na vida real foi obrigado a cometer). Continuando o assunto, escreve: “Mas o que fazes, Sêneca? Traístes tua escola? Os teus companheiros estóicos dizem claramente que é preciso participar da vida ativa até o último suspiro, dar-se ao bem comum, ajudar os homens, agir, em suma, de maneira concreta, esforçando-se em primeira pessoa... Por que enxertas os preceitos de Epicuro sobre aqueles que são basilares em Zenão?... Ora, te demonstrarei que não me afasto dos ensinamentos da escola estóica, como também não se afastaram seus discípulos. E te provarei dizendo apenas duas coisas: antes de tudo, que se pode dedicar-se inteiramente à contemplação, após a infância, procurando uma norma adequada de vida e a praticando no isolamento; em segundo lugar, que se pode fazer

diferentemente, mesmo já se tendo empenhado na esfera social, quando a vida se inclina para o ocaso, passando a outros os testemunhos no cuidado das coisas práticas, como o fazem, por exemplo as Vestais, que dividem seus afazeres conforme a idade, primeiramente aprendendo os ritos sagrados e, terminado todo o adestramento, dedicando-se ao ensino... Epicuro disse: 'Que o sábio não participe da vida pública, a não ser constrangido por alguma circunstância'. Zenão, ao invés, 'O sábio participa da vida pública, caso não haja alguma coisa que o impeça'. O primeiro sustenta o isolamento como princípio, o outro como ocasião... Imaginemos dois tipos de Estado, um imenso e verdadeiramente desse modo, no sentido de abarcar deuses e povos diversos, e no qual nosso olhar não se fixa neste ou naquele pequeno ângulo, mas mede-lhe os confins seguindo o curso do sol; o outro, muito menor e específico, no qual nascemos por destino... Ao maior podemos servir mesmo conduzindo uma vida retirada, dedicada à meditação e não sei como se poderia fazê-lo melhor, mas com a condição de que seja [o retiro] dedicado ao estudo e à prática da virtude, indagando se é apenas uma ou se são tantas, se o que torna alguém virtuoso é a índole natural ou a educação... Dizemos que o sumo bem é viver segundo a natureza e a nossa natureza possui duas faces, uma voltada para a contemplação e outra para a ação. Quanto à primeira, a contemplação, a prova de sua validade está no próprio fato de que nos é ínsito o desejo de conhecer o desconhecido e vivo é o interesse do que dele se relata... é o que nos leva a explorar os mais profundos segredos, a consultar os livros e a aprender sobre os povos. Esta curiosidade nos deu a natureza, que, cônica de sua própria arte e fascínio, criou os testemunhos de um espetáculo admirável... E se o Estado ideal,

embora figurado em nossa mente, não se encontra em parte alguma, eis então que a vida contemplativa se impõe a todos como necessidade, sendo ela uma âncora de salvação”.

Em síntese, o lazer estudioso ou contemplativo revela-se extremamente útil para a vida prática de jovens e de adultos, e preenche de maneira tranquila e sedutora o tempo inevitável e mais solitário da velhice.

Bibliografia

Lucrecio (Titus Lucretius Carus), *De Rerum Natura*, Liber V, 1440-1460, The Latin Library (www.thelatinlibrary.com/lucretius).

Virgílio e Horácio (Publio Virigilio Maro et Quinto Horacio Flaco). *Obras Completas*, M. Aguilar Editor, Madri, 1945.

Sêneca (Lucius Annaeus Seneca), *De otio*, Morceaux choisis des Lettres et des Traités de moral, Hachette, Paris, 1896, Bibliothèque National de France (www.bnf.fr).

Ugo Enrico Paoli, *Vita Romana, usi, costumi, istituzione, tradizione*, Mondadori, Roma, 1954.

Federica Guidi, *Vacanze Romane, tempo libero e vita cotidiana nella antica Roma*, Mondadori, 2015.

Juvenal (Decimus Iunius Iuuenalis) *Satura*, X, 80, The Latin Library (www.thelatinlibrary.com/juvenal)